

A RELAÇÃO ENTRE O VERDE CONSTRUÍDO E OS MORADORES DO CONDOMÍNIO PENÍNSULA – BARRA DA TIJUCA

Aluno: Anwar Naciff Elwasiaa

Orientador: João Rua

Introdução

A região da Barra da Tijuca, situada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro e baixada de Jacarepaguá, apresentou-se, no último século, como frente de expansão urbana da cidade e do capital. Contudo, sua formação se deu de forma diferenciada em relação aos outros espaços da cidade, tendo como característica preponderante um processo de adesão e materialização de ideais modernistas. Estes, no momento em que foram assimilados pelo governo do Estado, representaram uma Nova Era, onde a inteligência e racionalidade deveriam assumir o comando [2].

É com base nessa perspectiva, e na elaboração, por parte de Lucio Costa, de um plano urbanístico para a Baixada de Jacarepaguá [1], que o Estado demonstra seu real interesse na constituição de um lugar “à parte” da cidade, devendo apresentar-se com filosofia própria, calculado, medido, ordenado, voltado para uma parcela da população de maior poder aquisitivo material.

A partir desse momento (década de 70) e da própria elaboração do plano urbanístico, percebeu-se um intenso processo de especulação imobiliária, determinando o prolongamento da “parte rica” da cidade (até então situada em boa parte na Zona Sul) para São Conrado e a Barra.

Tal fato desdobrou-se na associação entre dois agentes produtores e modificadores do espaço: o Estado e o grande capital imobiliário. O primeiro atuando, inicialmente, na construção de um complexo sistema viário (estradas, viadutos, túneis, elevados); na implantação da infraestrutura urbana necessária e, principalmente, regulação, mediante um plano urbanístico, desse processo de ocupação [2]. Já o segundo, subsidiado pelo agente anterior, voltou sua atenção para a constituição de condomínios fechados. Dessa maneira, a Barra da Tijuca vai se apresentando como palco de uma estratégia mercadológica, muito semelhante àquela de criação de Copacabana [3].

O condomínio fechado é agora um novo produto dentro de um sistema de sobreposição de lucros. Nesse processo, o simbolismo e o fetichismo exercem papel fundamental na alienação da população. Esta que ao se deparar com problemas de violência, de tráfico e do sentimento de insegurança que perfaz o cenário urbano de grandes áreas metropolitanas, imagina que o “auto-enclausuramento” é a solução para os problemas que estão sendo postos. É dessa maneira, pelo jogo “ilusório”, por processos de “alienação”, pelo obscurecimento e substituição da realidade por elementos supérfluos, que o capital imobiliário, muitas vezes associado ao Estado, consegue expandir sua escala de atuação e obter maiores lucros.

Concomitantemente a esse processo, vão se (re)criando elementos que nos levam diretamente ao jogo capitalista, onde tudo deve estar passível de se tornar mercadoria. Dentro disso, emerge nos novos condomínios localizados na Barra da Tijuca, a figura do “verde”...

Objetivos

O questionamento que guia nosso trabalho se dá sobre a efetividade do modelo paisagístico preponderante, que privilegia a introdução de espécies exóticas ao invés da conservação de espécies nativas. Porém, não buscamos nos focar nos impactos ecológicos, já muito

estudados, mas em uma vertente muitas vezes esquecida pela geografia – a relação homem da metrópole e natureza, e a própria conversão desta em “objeto mercadológico”. Tendo o poder de modelar em larga escala o ambiente que o cerca, buscamos olhar as relações de afetividade ou estranhamento que podem surgir desse modelo paisagístico. E dessa discussão, pretendemos apontar direções e soluções, para que este se torne mais adequado, não só do ponto de vista ecológico, como também para a cidade e seus habitantes.

Metodologia

Partindo de uma escala já definida – o condomínio Península, Barra da Tijuca - RJ, o primeiro passo de nosso trabalho, consiste na análise empírica da estrutura biogeográfica desse condomínio, assim como também a percepção da atual relação entre os moradores desses locais para com o até então “verde construído”, que por sua vez, encontra-se sob o signo de natural. É importante ressaltar que o entendimento desse conceito, deriva dos estudos de planejamento para integração paisagística, e também das pesquisas sobre relações de harmonia entre homem-natureza e educação ambiental. Com uma futura realização da análise de espécies, aliada a entrevistas com os moradores permitirão o aprofundamento na discussão da noção de “artificialidade”.

Considerações preliminares

No atual momento, pautados nos estudos sobre modelos paisagísticos do Rio de Janeiro, na empiria e nos resultados preliminares provenientes das entrevistas, chegamos ao entendimento de que o “verde” construído nos espaços de “lazer” e “áreas comuns” dos condomínios calcasse na implantação de novas espécies – e não preservação das existentes – sendo muitas vezes exógenas ao local e não adaptadas. Haja vista também, a destruição parcial, ou total, de muitas espécies nativas das áreas do condomínio Península.

Contudo, diante dessa alteração ambiental das espécies anteriores a construção dos condomínios, percebe-se um movimento contraditório, como é comum ao capital, de obediência aos padrões paisagísticos que privilegiam espécies exóticas, mas também da busca pela reintrodução de espécies nativas, objetivando a formação simbólica de uma “natureza natural”, que deverá ser “consumida” pelos moradores desses locais, sob a bandeira da consciência ecológica e sustentabilidade.

Referências

- 1- COSTA, Lucio. **Plano Piloto para urbanização da baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá**. Agência Jornalística Image, Rio de Janeiro, 1969.
- 2- REZENDE, Vera e Gerônimo LEITÃO. **Plano Piloto para a Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá, a Avaliação dos Ideais Modernistas Após Três Décadas**. XVII Congresso Brasileiro de Arquitetos, Rio de Janeiro, 2003.
- 3- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. **Dos cortiços aos condomínios fechados – as formas de produção da moradia na Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: IPPUR, UFRJ: FASE, 1997.